

a Fojos Gazeta das Caldas

ANO LXXV • Nº4314 • Preço 100\$00 = 0,5€ Assinatura Anual: 2.700\$00 = 13,47€ Sexta Feira, 24 de Novembro de 2000

DIRECTOR: JOSÉ LUÍS DE ALMEIDA E SILVA
DIRECTOR ADJUNTO: CARLOS M. MARQUES CIPRIANO

Telef.: 262831097 (4 linhas)
Fax Redacção: 262834531 / Fax Publicidade: 262824933
<http://clorofila.com/gazeta>

gazetacaldas@ip.pt
publicidade.gazeta@clorofila.com
assinatura.gazeta@clorofila.com

SEMANÁRIO



2500-248 CALDAS DA RAINHA
PORTE PAGO TAXA PAGA

Stand na Rua
Coronel Soeiro de Brito
Caldas da Rainha

Florescar
Tel. 262 840 510

A Auto Estradas do Atlântico diz que a culpa é da Brisa. A Brisa não diz nada. Enquanto isso, a auto-estrada que serve as Caldas da Rainha continua com o pavimento em mau estado e uma sinalização horizontal deficiente que faz com que, de noite ou com mau tempo, o condutor nem consiga aperceber-se da faixa em que circula.

Vasconcelos Guimarães, presidente da Somague, a principal accionista da Auto-Estradas do Atlântico, diz que se a Brisa não assumir as suas responsabilidades, o mais certo é a sua empresa só vir a ter dinheiro para reparar os troços em mau estado quando começar a facturar as portagens para Santarém e Leiria no próximo ano.

AUTO-ESTRADAS DO ATLÂNTICO ACUSA BRISA PELO MAU ESTADO DA A8



ADMINISTRADORA DELEGADA
DO CENTRO HOSPITALAR

"Tenho duas grandes preocupações: os doentes e os contribuintes"

O hospital das Caldas gasta muito e faz pouco. E esgota-se no serviço de urgências, que tem custos elevadíssimos devido às horas extraordinárias pagas a médicos e enfermeiros. Quem o diz é a administradora delegada do Centro Hospitalar das Caldas da Rainha, Célia Pilão, numa entrevista surpreendente e polémica.



Em seu entender, o hospital das Caldas será sempre "necessariamente pequeno, altamente caro e pouco diferenciado", uma realidade que deverá ser assumida e que deriva da falta de planeamento do país

Jaime Rocha e a exortação do Mal pela escrita



Pub.

"Há um monstro acima de nós": Quem o afirma é Jaime Rocha, pseudónimo do jornalista do *Público*, Rui Ferreira e Sousa. Jaime é o seu lado escritor ficcionista, dramaturgo e também poeta. Nas suas obras prefere denunciar o lado obscuro da sociedade moderna, os perigos que esconde, o aparente bem-estar. O autor recebeu o Prémio Eixo Atlântico de Textos Dramáticos com a peça "Seis Mulheres Sob Escuta" e o Grande Prémio da Associação Portuguesa de Autores referente a 1998 com a peça "O Terceiro Andar". E como tal veio até às Caldas, participar num café-literário, organizado pela Livraria 107. O Café Pópulus encheu-se para ouvir António Cabrita, também ele jornalista-escritor e conhecedor da obra de Jaime Rocha.

Gazeta das Caldas conversou com o autor no final do Café-Literário que segundo os dois convidados "é único no país porque recria o ambiente de tertúlia, colocando em contacto autores e leitores. É um caminho pioneiro que se deveria repetir noutras cidades do país".

Página 22

ao permitir a proliferação de hospitais por quase todos os concelhos.

Sobre o projecto para o Complexo Termal e a Fundação Rainha D. Leonor, a administradora-delegada é contundente – trata-se de "uma vigarice pegada" que não tem em conta os doentes e só serve à especulação imobiliária e à distribuição de cargos bem pagos.

Página 28 a 31

Ânimos exaltados na Câmara de Óbidos

Depois dos conflitos com o PSD vividos na autarquia de Óbidos, o desentendimento verifica-se agora no seio do próprio PS. Na sessão de Câmara da passada segunda-feira, a vereadora da Cultura e o presidente da Câmara envolveram-se num diálogo pouco ortodoxo. "Eu sou o urso que ando aqui e não sei de nada, tu não me dás cavaco", atirou Pereira Júnior para Maria Helena Correia, que ripostou: "barracas como estas só acontecem porque o senhor não reúne connosco".

Página 17



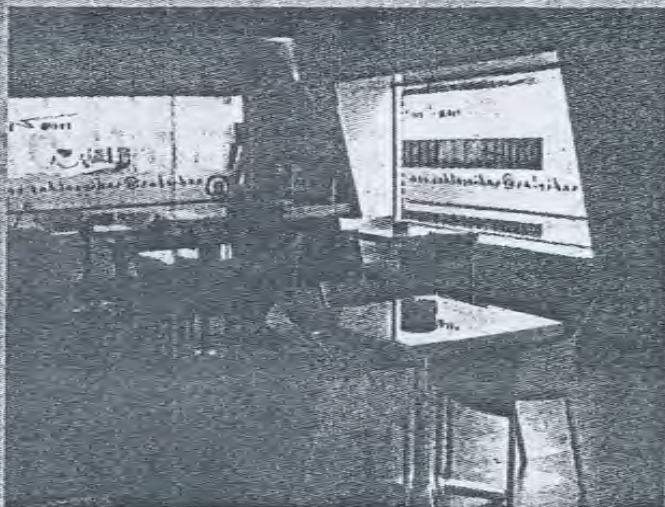
design e execução de interiores

Projectos "Chave na Mão"

Tel.: 262 845954

Fax: 262 824889

Café Rénobor
Caldas da Rainha



Pier Import

Venha conhecer as nossas novidades em mobiliários e utilidades domésticas.

Temos a solução para as suas prendas de natal sem nos esquecermos dos mais pequenos.

Visite-nos na Rua Dr. Francisco Sá Carneiro, 9 B
Antigas instalações do Conde Barão)

Em Dezembro estaremos abertos aos Domingos e Feriados.

Boas Festas!

(5813)

CAFÉ-LITERÁRIO

Jaime Rocha e a exortação do Mal pela escrita

Jaime Rocha, escritor que permanecia na sombra, teve um percurso discreto. Depois de vários livros no domínio da poesia e da ficção, é através das sua escrita para teatro que o grande público começa a conhecer a sua obra. Tal como na ficção, as suas peças são impregnadas de humor corrosivo.

Em **"O Construtor"**, por exemplo, fala-se sobre a construção da Europa, agora sobre ossos, "porque já se vendeu tudo o que havia para vender. Restam os ossos", conta o autor. Numa angariação desenfreada, com prazos a cumprir, as personagens que povoam a fábula, descarnam familiares ou cortam partes do corpo que acham que não lhes faz falta, como o motard que não necessita dos pés porque as mudanças da mota estão no guiador. **"Neste mundo de aparente bem-estar há muitas loucuras nas pessoas. A sociedade parece que caminha para o bem mas, no fundo, conduz ao mal. Há um monstro por cima de nós que cria tentáculos, graves problemas sociais e que as várias correntes artísticas devem denunciar"**, disse o escritor.

António Cabrita, também jornalista e escritor, admira e conhece o trabalho de Jaime Rocha que diz ser **"muito discreto e nada mediático como outros autores menores como o são, por exemplo, Rui Zink"**. Sobre as obras do seu amigo afirma que **"a sua escrita tem vindo a crescer"** e que **"num contexto de culinária, Jaime Rocha está no ponto"**. Destaca particularmente a obra **"Loucura Branca"**, um trabalho de ficção que data de 1989

e que define como **"um dos melhores textos de ficção do século XX português"**.

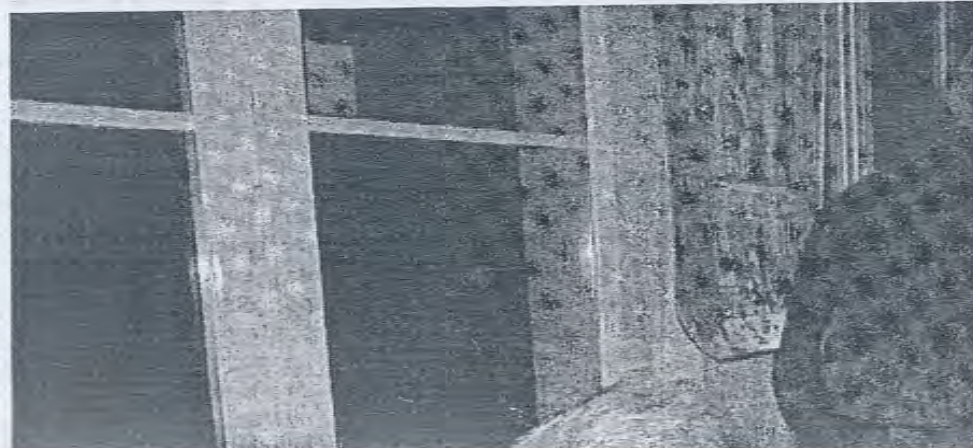
Sobre o café-literário António Cabrita achou que este é um caminho pioneiro que devia ser alargado a outras cidades porque é **"preciso criar públicos e leitores e esta foi uma iniciativa invulgar porque já não estamos habituados a que os cafés estejam ligados à cultura"**. António Cabrita vai estreiar a peça **"Cidade Esmeralda"** especialmente criada para o grupo almadense Teatro Extremo e que é **"uma farsa, puro divertimento contra a linguagem televisiva e é ainda uma fábula sobre o amor"**. Um livro de contos está já na calha e para Fevereiro António Cabrita vai apresentar a sua própria editora - Íman - que irá lançar os seus primeiros cinco livros. Entre eles está prevista a reedição da **"Loucura Branca"** de Jaime Rocha.

Um grupo de ex-alunas da Expressão Dramática da Escola Raul Proença, liderado por Mafalda Saloio, apresentou excertos das obras de Jaime Rocha, cujo último livro de poesia se intitula **"Os que vão Morrer"**. Presentes no evento, estiveram vários elementos do grupo de teatro dos Pimpões que pediram ao autor para encenar e representar uma das suas obras, pedido este que teve o consentimento do autor.

Natacha Narciso

nnarciso@clorofila.com

"Um dos trabalhos da arte é falar das coisas menos agradáveis"



G.C.: Recorre muitas vezes ao humor e ao sarcasmo nas suas obras?

J.R.: Creio que o humor é uma grande ponte para a compreensão das coisas e é uma grande arma para a reflexão. As coisas ditas com humor corrosivo despertam vontade de as compreender. Interessa-me dar a conhecer o mal do mundo através do humor corrosivo, falando sobre o mal-estar das grandes cidades e é através deste pessimismo que surge o de-

seus angústias, enquanto que Jaime Rocha aproveita os estados de alma para a sua escrita. São duas separações muito nítidas e convivo bem com elas. No entanto, há autores que pensam de forma diferente, como o Baptista Bastos. Mas eu preciso do pseudónimo para separar as águas.

G.C.: O que representa para si a poesia?

J.R.: A poesia é para mim algo sagrado, é o momento em que o autor escreve para

fosse católico diria que a poesia se aproxima de Deus, mas como não sou prefiro afirmar que está muito próxima dos deuses. O artista da palavra vê-se na poesia porque a arte da palavra é a poética. O resto é uma fábrica, que se aproveita da imaginação.

G.C.: O seu último trabalho para teatro envolve uma personagem histórica - Viriato. Algo invulgar na sua obra. Como foi essa experiência?



"A poesia aproxima-se dos deuses"

GAZETA DAS CALDAS: Nas suas obras não há paisagens idílicas nem lugar para boas acções?

JAIME ROCHA: Nas minhas obras reflecte-se um olhar incisivo, sagaz e cruel do mundo exterior. Não é necessário reflectir sobre o que está bem, sobre o passado

ou sobre ficção científica. Não falo sobre fantasmas ou coisas do outro mundo. Reflecto sobre o mal que os homens inventam e que lhes dá prazer, do poder dos homens uns contra os outros.

Interessa-me o que está mal na sociedade onde vivo. Um dos trabalhos da arte é

falar nas coisas menos agradáveis. É preciso alguém que descodifique os perigos actuais seja um pintor ou um escritor. Os artistas são um pouco os mensageiros do mal no sentido em que ele acabe - uma reflexão sobre o Mal contra o Mal.

sejo da mudança. Só personagens demenciais é que podem descrever o mal de hoje. A escrita é, no fundo, uma muleta para passar este mal-estar de fim de século. O discurso sobre o optimismo não me interessa.

"Preciso do pseudónimo para separar as águas"

G.C.: Como se relacionam o jornalista e o autor?

J.R.: Penso que os dois convivem bem porque fazem uma separação muito rígida. O Rui Ferreira e Sousa tem uma profissão que por acaso é jornalista, mas poderia ser médico ou outra profissão qualquer. Está codificado, no seu trabalho é-lhe exigido o rigor, a análise factual e não pode inventar nada. Não há o mínimo espaço para a fantasia.

Jaime Rocha é o lado oculto, mais interior. É nele que há lugar para a imaginação e para a loucura. O Rui Ferreira e Sousa guarda as

dentro, enquanto que na ficção ou para teatro escreve-se para fora. É uma busca permanente e é também um exercício de fascínio sobre as palavras.

Sousa Fernando, o meu primeiro pseudónimo, o autor do meu primeiro livro de poesia, ("Melânquico") era de tal modo obscuro que criava novas palavras. Era prisioneiro de uma coisa escura e sucumbiu, vítima do tempo. Morreu, mas deu lugar ao Jaime Rocha que engloba todas essas facetas. A poesia é sagrada, não se apalpa como no teatro ou na ficção.

"Cuidado com a poesia porque ela pode partir-se"

G.C.: Sente-se uma espécie de "maestro das palavras" quando mergulha no trabalho da poesia?

J.R.: Sim, é um sentimento similar. É que é preciso muito cuidado com a poesia porque ela pode partir-se. Se

J.R.: O grupo de teatro Ingo Limpo - Acert, de Tondela fez-me a proposta de escrever uma peça que abordasse Viriato, personagem histórica de quem se sabe muito pouco. Sabemos apenas foi morto por embaixadores romanos, seus amigos. Criei então vários Viriatos, um cruel, um frágil, outro apaixonado - que no fundo são um só. Reinventei a história do primeiro guerrilheiro português e criei uma personagem, o Bobo, que permite fazer a ligação com o mundo actual. Interessei-me pela personagem e não pela história e o grupo vai começar a preparar a peça em Janeiro. De resto foi tudo inventado, a peça será representada numa arena ao ar livre e será itinerante. Uma loucura autêntica.

G.C.: Quais são os futuros projectos de Jaime Rocha?

J.R.: Estou a terminar um livro de poesia, mas logo a seguir vou escrever uma outra peça. A escrita dramática é ótima para repôr o desgaste que a poesia provoca. A ficção deixo-a para os bons, como a Luísa Costa Gomes, o José Saramago ou a Hélia Correia. Faltam dramaturgos e poetas no panorama português e eu situo-me muito bem entre o sagrado (poesia) e o profano (teatro).

Natacha Narciso

nnarciso@clorofila.com

N.N.

Astrologia de Paulo Cardoso na Livraria 107

No sábado, dia 25 de Novembro, pelas 11 horas, na Livraria 107, vai estar presente Paulo Cardoso, o autor de "2001 Astrologia".

Paulo Cardoso nasceu em 1953 em Lisboa e depois de terminado o seu curso de Química frequentou simultaneamente o Conservatório Nacional e a Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Em 1977 desenvolve o estudo na Astrologia, e já realizou 15 mil estudos astrológicos e como tal é hoje considerado o mais prestigiado astrólogo português.

O autor tem colaborado em vários espectáculos de música, teatro e cinema como cenógrafo e pintor e já publicou trabalhos em jornais e revistas em Portugal, Brasil, Espanha e Bélgica. É uma presença constante de referência astroló-

gica nos quatro canais de televisão nacionais, tendo igualmente colaborado com canais de televisão brasileiros, ingleses e alemães.

Paulo Cardoso realizou uma investigação astrológica sobre o poeta Fernando Pessoa numa iniciativa que envolveu o Ministério dos Negócios Estrangeiros, da Secretaria de Estado da Cultura, a Fundação Gulbenkian e o pelouro da Cultura da autarquia de Lisboa. O autor já editou vários livros e vídeos e tem realizado dezenas de palestras, tanto em Portugal como no estrangeiro.